

Estratégias de entrevistas do JN com presidentiáveis de 2018¹

Jorge Arlan de Oliveira PEREIRA²

Rabeche Alves dos SANTOS³

Elivânia Alves de LIMA⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças - MT

RESUMO

O estudo se propõe a analisar as estratégias da entrevista do Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) com o candidato Ciro Gomes na última semana do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 no Brasil. O período excepcional de tensões atravessado pelo país, em ambiente de polarização política, com manifestações frequentes de preconceito e intolerância, constitui oportunidade singular de observar o papel que um programa jornalístico de enorme inserção social desempenhou ou não na perspectiva de bem informar a população, com vistas ao discernimento de ideias e de fatos relevantes para os rumos nacionais, caracterizando uma orientação à ação cívica e esclarecida dos cidadãos. As circunstâncias em que foi conduzida a entrevista do JN permitem discutir a plausibilidade da aplicação dos princípios jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; entrevista; Jornal Nacional; política; valores jornalísticos.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere no contexto de um projeto vinculado ao projeto de pesquisa de longa duração denominado “Jornalismo, comunicação e democracia: o espaço público em tempos de convergências midiáticas e na perspectiva do estado democrático de direito”, em desenvolvimento no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia, cadastrado na respectiva Pró-Reitoria de Pesquisa (Propeq).

O projeto de longa duração se organiza como um guarda-chuva para abrigar outros projetos e subprojetos, com a estratégia de cercar da maneira mais ampla e eficiente possível questões que ofereçam elementos para se pensar o atual momento e as perspectivas do jornalismo, particularmente a legitimidade e a validade dos princípios

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2021.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Email: jorgearlan.op@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT. Email: rabechealvez@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT. email: elivaniaglima@gmail.com

fundamentais do jornalismo, mediante uma confrontação entre o seu discurso e as práticas observadas em variados espaços da imprensa, considerando-se os meios convencionais e os meios demarcados pelas novas tecnologias no âmbito da internet.

A investigação em tela, caracterizando um projeto vinculado, analisa as entrevistas feitas pelo Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) com os cinco principais candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018, na semana que antecedeu a votação em primeiro turno. Mais particularmente, configurando um subprojeto, vamos nos deter aqui na entrevista realizada com o candidato **Ciro Gomes (PDT)**, enquanto outras quatro investigações irão abordar as entrevistas do JN com os demais candidatos (**Jair Bolsonaro**, **Fernando Haddad**, **Gerado Alckmin** e **Marina Silva**, mas que não são especificamente objeto deste texto).

As entrevistas com os presidencializáveis no JN sofreram transformações ao longo do tempo. Desde 1989 a Rede Globo traz em sua programação, sabatinas e debates com presidencializáveis em vários formatos e em diferentes programas jornalísticos da casa. Na eleição de 1989 ocorreu um fato que acabou determinando um peso maior para as futuras entrevistas no Jornal Nacional. Relaciona-se ao debate entre os candidatos **Fernando Collor de Melo** e **Luís Inácio Lula da Silva**, realizado por um pool das emissoras Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT. Dois embates, porém, ocorreram apenas nos estúdios da TV Manchete e da TV Bandeirantes, e foram transmitidos na íntegra pelas quatro principais emissoras citadas acima.

No dia seguinte à exibição do debate, o Jornal Nacional decidiu reexibir os principais momentos, favorecendo claramente o candidato Collor, ao lhe conceder um minuto e meio a mais, desequilíbrio que foi reconhecido alguns anos depois pela própria emissora.

Em razão deste acontecimento, o Tribunal Superior Eleitoral fez mudanças na regulamentação dos debates posteriores. Na eleição seguinte, como já mencionado, não houve debates, devido à restrição das normas, pelas quais o espaço concedido aos candidatos deveria ser o mesmo e ficava proibida a veiculação de propaganda eleitoral fora do horário eleitoral gratuito, como também a manifestação de opinião a favor ou contra candidatos, partidos ou coligações, seja via rádio ou televisão.

Mais uma exigência é que todos candidatos deveriam estar presentes. O debate deveria ser feito ainda em um único dia, ou em dias diferentes, desde que a escolha dos

candidatos participantes fosse mediante um sorteio. Diante das exigências a Globo preferiu não realizar os debates no primeiro turno da eleição de 1994. Mas determinados candidatos optaram por não participar da atividade neste ano e também em algumas eleições seguintes

Em 2002, muito em virtude desta instabilidade, a Rede Globo trouxe a proposta de entrevistas com cada candidato dentro do próprio Jornal Nacional. Ao vivo na bancada do telejornal, os apresentadores receberam todos os dias, na semana de 8 a 11 de julho, os principais candidatos à eleição presidencial daquele ano para serem sabatinados, em ordem definida por sorteio.

Desde esta primeira experiência, a sabatina realizada pelo Jornal Nacional foi assumindo formato um pouco diferenciado. Em 2002, por exemplo, a entrevista era feita pelos âncoras do jornal e o candidato se posicionava ao lado dos entrevistadores na bancada e o tom da conversa era mais amistoso. Cada candidato recebia o limite de 10min para expor suas propostas.

Na eleição seguinte o formato permaneceu o mesmo e a disposição da bancada também. Os candidatos continuaram ao lado dos entrevistadores e possuíam 10min para expor suas propostas. Porém como o primeiro candidato sorteado, Geraldo Alckmin, ultrapassou o tempo, ficou estipulado o tempo de 11min e 30seg, com prorrogação de 30 segundos, para todos os outros candidatos.

No ano de 2010, os candidatos se mantiveram posicionados ao lado na bancada dos entrevistadores e passaram a dispor de um tempo de exposição 12 min cada um. A abertura da sabatina também passou a ser conduzida por um dos apresentadores por vez, revezando alternadamente ao longo da semana. Em 2014, a disposição da mesa continuou, com o candidato sentado ao lado da bancada, porém seu tempo de exposição passou a ser um pouco maior, de 16 min.

No ano de 2018, percebeu-se uma estrutura modificada para a entrevista com os presidenciais, a começar pela bancada do estúdio, na qual entrevistados e entrevistadores passaram a ficar posicionados frente a frente. O jogo de câmera se tornou mais específico, enquadrando seguidamente os participantes de modo individual na tela. Os entrevistadores adotaram um tom mais agressivo, mais intimidador, numa linha de interrogatório policial. O tempo de exposição dos candidatos ficou muito maior, passando a ser de 27 min.

Saliente-se que a bancada de entrevistadores do JN teve sempre, desde 2002, a presença do apresentador Willian Bonner, tendo variado, porém, a parceira de trabalho, passando, neste meio tempo, por Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos. Os entrevistados começaram a ser definidos, nas últimas versões, pelo melhor desempenho nas pesquisas eleitorais feitas por institutos de reconhecida credibilidade, considerando-se os cinco candidatos mais bem classificados. Pode-se compreender que a oscilação na forma de realização dos debates abriu espaço progressivamente para mais atenção do público às entrevistas do JN com os presidenciais.

A rodada de entrevistas do Jornal Nacional na semana decisiva do pleito pode nos oferecer elementos significativos para avaliar e discutir o papel que o jornalismo tem desempenhado quando se trata de promover informação e discernimento aos cidadãos/eleitores.

A entrevista com Ciro Gomes, na eleição de 2018, se circunscreve na atmosfera que a bancada do Jornal Nacional, composta pelos apresentadores/entrevistadores, William Bonner e Renata Vasconcelos, criou para recepcionar os seus convidados. Percebe-se que a estratégia da entrevista faz determinadas incursões pelas temáticas selecionadas, revelando não apenas o propósito de buscar saber, mas também o de definir o que seria válido o candidato dizer, no atendimento do que se poderia classificar de linha editorial.

O formato e o conteúdo da entrevista nos auxiliam a avaliar a postura jornalística adotada pela bancada. Não se pode desconsiderar que a Rede Globo, tendo o Jornal Nacional à frente, apresenta um histórico de pretender ser, através de suas percepções e coberturas, uma protagonista na definição dos rumos políticos do país.

2. A PERCEPÇÃO METODOLÓGICA

Os métodos de investigação aplicados se preocuparam em identificar como se deu o discurso e a ação jornalística na entrevista, na relação com os fundamentos da profissão e do seu campo de conhecimento. Salientamos que o projeto de pesquisa guarda-chuva visa compreender como determinados segmentos do Jornalismo brasileiro se repositam na atualidade, seja no campo social, político ou econômico do país, sob os parâmetros dos fundamentos históricos do Jornalismo, das convergências midiáticas e do estado democrático de direito.

A pesquisa permite a reflexão acerca do impacto das tecnologias no fazer jornalístico, levando-se em consideração a elevada circulação de informação na sociedade atual. Além disso, busca entrecruzar as práticas profissionais, as estruturas comunicacionais e a relação que é estabelecida com os destinatários do conteúdo jornalístico, no processo de reconfiguração do espaço público.

Na proposta de tratar sobre o jornalismo nas esferas das mídias tradicionais e contemporâneas, adotamos os métodos da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso Crítica. Em nossa percepção, são inadequadas as oposições de caráter excludente que seguidamente são feitos entre os aspectos quantitativos e qualitativos de um objeto social pesquisado, bem como a separação irrestrita entre os elementos objetivos e subjetivos presentes em um determinado discurso ou em qualquer manifestação empírica do real.

A Análise de Conteúdo possibilita, por sua observação rigorosa e detalhada do objeto, a identificação profunda dos seus elementos constitutivos, na medida em que primeiramente trata de reconhecer que o objeto possui uma lógica, repleta de significados, que precisam ser, antes de tudo, compreendidos como se mostram e não de acordo com o olhar de quem o observa. A condição elementar é o reconhecimento da materialidade e da historicidade do objeto, definidores de sentidos, e não o tomar como uma massa amorfa, pronta para ser moldada por subjetividades exteriores.

O sistema de observação e de categorização da Análise de Conteúdo é capaz de realizar diversos percursos:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2011, p. 37).

A autora é enfática na afirmação de que o campo de aplicação do método é extremamente vasto por compreender que “qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (2001; 38).

A Análise de Discurso Crítica (ADC), desenvolvida por Norman Fairclough, se baseia em uma percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais.

Trata-se de uma proposta que, com amplo escopo de aplicação, constitui modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear relações entre os discursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 11-12).

Desta forma, compreendemos que os dois métodos adotados são complementares e atendem às necessidades de ingressar diretamente na manifestação empírica do objeto, além de oferecer os instrumentos para perceber suas objetividades e subjetividades, contidas em suas expressões quantificáveis e qualificáveis. Os dois métodos possibilitam ainda um movimento capaz de perceber dialeticamente a diversidade que um objeto de estudo possa conter, por sua condição de efetuar a transversalidade por entre conceitos e materialidades das manifestações.

Nesta perspectiva, a primeira preocupação do estudo foi assistir inúmeras vezes a gravação da entrevista do Jornal Nacional com Ciro Gomes, nas eleições de 2018. Na sequência foi realizada a transcrição na íntegra da entrevista, buscando fazer um forte movimento de aproximação e sentir a sua materialidade. A partir do conhecimento detalhado da composição audiovisual e gráfica do objeto, os pesquisadores se sentiram em condições de avaliar os elementos subjetivos, ou seja, as mensagens implícitas na lógica geral da entrevista, identificáveis no conjunto das questões abordadas.

Uma das ações desenvolvida foi a cronometragem do tempo de perguntas e respostas e a quantificação e especificidades dos temas. A análise detalhou assuntos tratados, bem como o sistema impositivo que a bancada do JN adotou para fazer as perguntas. Estas observações permitem uma compreensão/avaliação do alcance da entrevista na sua dimensão jornalística.

Assim, no cálculo do tempo, constatamos que do total de 27 minutos as perguntas dos entrevistadores ocuparam 12 minutos, enquanto as respostas tomaram 15 minutos. As temáticas enfocadas foram combate à corrupção, economia, segurança pública e alianças

políticas. No detalhamento, foram destinados os seguintes tempos por temáticas: combate à corrupção (11 min. e 37 s); economia (5 min. e 6s); segurança pública (2 min. e 30s); alianças políticas (7 min. e 47s).

A análise considerou os seguintes aspectos: linguagem adotada; abordagem de temáticas relevantes no período vigente; capacidade dos profissionais jornalistas na checagem de informação aparentemente controversa; postura do entrevistado quanto às abordagens feitas.

3. ANÁLISE DA ENTREVISTA

Neste segmento, iremos trazer as informações que compreendemos conter elementos significativos para avaliar o valor jornalístico da entrevista do JN com o presidenciável Ciro Gomes. Podemos citar inicialmente o ambiente mais opulento do que o programa apresentou em eleições anteriores, contendo desta vez uma mesa (bancada) giratória, cadeiras que colocavam entrevistadores e entrevistados frente a frente e um conjunto maior de câmaras para mostrar expressões em *close* dos participantes.

Os entrevistadores William Bonner e Renata Vasconcellos se preocuparam em esclarecer de imediato como as coisas iriam funcionar, lendo um texto de abertura em que explicam como o conjunto de entrevistas com os presidenciáveis iria se desenvolver na semana. Na sequência, Renata Vasconcellos explicou que iriam “abordar os temas que marcam cada uma das candidaturas, questionar assuntos polêmicos e tratar da viabilidade de alguns pontos do programa de governo”, enunciado feito com ares de severidade.

A primeira pergunta se referiu ao tema “corrupção”, na qual o candidato é solicitado a justificar atitude que daria a entender que ele não apoiaria a Lava Jato, operação, comandada pelo juiz Sérgio Moro que estaria resgatando a moralidade pública. Ciro Gomes procurou explicar que suas afirmações foram tiradas de contexto e que, na verdade, ele apoiaria a Lava Jato, mas que cobraria dela uma ação mais equilibrada do ponto de vista político.

Diante das argumentações, os entrevistadores cobraram outra expressão utilizada por Ciro na imprensa de que colocaria o Ministério Público e a Justiça na “caixinha”. O

candidato explicou que se remetia a abusos que o Ministério Público estaria cometendo. Nas três questões seguintes, os entrevistadores cobraram de diferentes maneiras a incoerência da expressão “caixinha”.

Na questão que se sucedeu, o apresentador William Bonner comentou que as posições de Ciro pareciam não levar em conta o “manifesto apoio da população brasileira aos Ministério Público e ao Judiciário”. As referências ao sistema é de como se a Lavo Jato detivesse um valor moralizador indiscutível e de que o candidato não usufruísse do direito de ter uma opinião divergente.

Uma nova pergunta deu continuidade a questões relativas à “corrupção”, tema que Renata Vasconcellos classificou, em seu enunciado, de “importantíssimo”. E levantou o caso em que o presidente do PDT, partido no qual Ciro é filiado, é acusado de improbidade administrativa por utilizar passagem aérea indevida quando era ministro do Trabalho no governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Também teria sido acusado de haver recebido mesadas do esquema de corrupção do ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. O questionamento era como Ciro Gomes teria dito que Carlos Lupi poderia escolher o cargo que quisesse num futuro governo seu.

Ciro Gomes saiu em defesa de Carlos Lupi, dizendo que o tinha como pessoa honesta e de bem. A partir desse momento se seguiu uma série de discussões em que William Bonner chegou a se referir a documentos, que poderia disponibilizar posteriormente, que comprovariam os processos que Lupi estaria respondendo, classificando-o como réu. A disputa verbal chegou ao ponto de as duas partes assumirem o compromisso de apresentarem documentos que atestariam a veracidade de suas posições.

Ainda falando em corrupção, Renata Vasconcellos comentou sobre alerta que Ciro Gomes, quando ministro do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, teria feito à autoridade máxima do país sobre atos fraudulentos do então presidente da Transpetro, (empresa subsidiária da Petrobrás), Sérgio Machado. Mas que Machado continuou no cargo após o fim do governo Lula e que Ciro não o teria denunciado ao Ministério Público.

Nesta questão, houve várias trocas de farpas entre os que tinham a função de perguntar e o que tinha a função de responder naquele programa jornalístico. Por outro lado, em alguns momentos os nomes dos ex-presidentes Lula e Dilma foram relacionados à corrupção. Ciro Gomes fez uma manifestação favorável à Lula, considerando que ele teria feito um bom governo para a maioria dos brasileiros por haver gerado emprego e elevado o poder de compra das camadas sociais baixas.

Os entrevistadores, enfim, trouxeram uma questão diretamente às proposições que o candidato vinha defendendo publicamente, constante do plano de governo, relacionado ao endividamento da população. A bancada do JN sustentava em suas intervenções que Ciro Gomes teria sido muito simplista ao dizer que iria “Retirar seu nome do SPC”. Willian Bonner fez introdução mais extensa ao assunto, na busca exatamente de demonstrar que o slogan passaria a ideia de populismo, quase uma tentativa de compra de voto do eleitor desinformado. Foi questionado se ficaria tranquilo em saber que o eleitor poderia entender desta forma. O assunto permaneceu por vários minutos e somente em outro momento da entrevista Ciro Gomes conseguiu explicar o significado mais profundo de sua proposta, informando, inclusive, que tinha um manual para explicar aos cidadãos. Os entrevistadores ficaram contentes por parecer que comprovaram que o slogan requeria explicações mais detalhadas. “Seria apenas esta a questão”, observaram.

Mas, para explicar o assunto, Ciro Gomes disse que a medida constituiria um pequeno componente do seu plano nacional de desenvolvimento para o Brasil, caso fosse eleito. A bancada, porém, não se interessou em questionar o candidato sobre a concepção e os instrumentos deste plano.

Outros questionamentos feitos a Ciro pelos entrevistadores disseram respeito à coerência de convidar para candidata à vice-presidente uma mulher conservadora, ligada ao agronegócio, Kátia Abreu; à elevação da criminalidade no estado do Ceará, governado por Cid Gomes, irmão de Ciro.

Uma das últimas perguntas mostrou bastante procedência a respeito de como Ciro Gomes, uma vez eleito, poderia garantir a governabilidade, tendo a necessidade de construir maioria no Congresso Nacional. Para finalizar, foi apresentada a questão que seria padrão a todos os candidatos: “Qual é o Brasil que o sr. quer para o futuro”. O candidato recebeu um minuto para responder este ponto.

Considerando o relato sintético das perguntas e caminhos de respostas, avaliamos que a entrevista do Jornal Nacional com o candidato a presidência Ciro Gomes apresentou muitos problemas do ponto de vista jornalístico. A começar pela distribuição do tempo. Não é razoável que o tempo tomado pelas perguntas, 12 min, seja quase igual ao tempo destinado às respostas, 15 minutos. Fere os princípios jornalísticos de que a notícia é aquilo que diz o entrevistado e, por isso, deve ocupar bem mais tempo, por ser o centro e o objetivo do levantamento de informações a ser oferecidas ao público.

O tempo dedicado ao tema combate à corrupção foi de 11 min. e 37 s, numa imensa desproporção com a variedade de assuntos que poderiam interessar numa entrevista com um presidencial. Se somar à segurança pública, 2 min. e 30s, teríamos praticamente metade do tempo total da entrevista, no qual o fundo seria também corrupção e incompetência de pessoas com as quais Ciro Gomes teria alguma ligação.

Identifica-se a ausência de assuntos importantes como, já citados, os relacionados à educação, à saúde e ao meio ambiente. Mas poderíamos citar ainda as questões relativas à cultura e uma série de temas estruturais da economia, vinculados à industrialização, geração de empregos e ao desenvolvimento, assuntos que um candidato a presidente da república precisar saber tratar com profundidade e sobre os quais deveria ser questionado. Não foram abordados ainda aspectos voltados à Previdência Social, à Reforma Trabalhista, à política do teto de gasto, à privatização da Petrobrás, à reforma tributária, às relações internacionais, ao estágio de cooperação do Mercosul, etc.

Tomamos o estudo de Nilson Lage (2005), quando ele cita as máximas de Herbert Paul Grice, a respeito do que são esperados numa conversação e que encontram correspondência em qualquer conversação jornalística:

A informação é matéria abundante (ainda mais agora que a rede de computadores a torna tão acessível). Assim, a cada uma das máximas de Grice deve corresponder a um procedimento: a informação deve ser suficiente para os fins do veículo e não excedente; ser verdadeira ou, no mínimo, verossímil (nesse caso, formulada como hipótese); ser relevante, não-ambígua, concisa, estruturar-se segundo preceitos lógicos e com clareza necessária para ser compreendida pelo(s) destinatário(s). (LAGE, 2005, p. 54).

Cremilda Medina (1990) defende que uma entrevista jornalística remete a uma relação respeitosa em que o entrevistado precisa ter os cuidados de incentivar o interlocutor a apresentar os seus melhores argumentos, partindo do princípio de que respostas mais fundamentadas resultam em matérias jornalísticas de maior qualidade. Além disso, não caberia ao repórter assumir o papel de inquisidor policial. Na

compreensão de Medina, a ação jornalística não entra conceitualmente em rota de colisão com posturas cordiais. Elas não seriam sinônimo de submissão, pelo contrário, representaria uma atitude de respeito ao público que irá receber o resultado da investigação jornalística, através do produto notícia ou reportagem.

Em sua iniciação à filosofia do jornalismo, Luiz Beltrão (2008) confere à atividade uma grandeza que a deveria distanciar de qualquer procedimento vulgar, desinformado ou voltado a outros interesses escusos. Ele afirma que a divulgação de informações “contribuem decisivamente para formar a opinião pública e, conseqüentemente, impulsionar os agrupamentos humanos às decisões e realizações da vida social” (p. 33).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, concluímos que a entrevista do Jornal Nacional com o presidenciável, Ciro Gomes, em 2018, não cumpriu uma série de propósitos jornalísticos. Mostrou-se basicamente interessada em levar o entrevistado a validar as teses da linha editorial do meio de comunicação, no caso a de que o combate à corrupção seria a temática mais importante, praticamente exclusiva. Tanta ênfase neste fator social negativo, associada à política de forma intrínseca, contribui, inclusive, para que o eleitor se sinta ainda afastado dos assuntos políticos.

Deixou à margem uma série de questões de interesse dos cidadãos e do país, rebaixando a importância do ato cívico do eleitor de formar sua opinião e votar com consciência. Não atendeu, por extensão, aos compromissos do jornalismo com o estado democrático de direito, que significaria aperfeiçoar os instrumentos da democracia, para uma relação mais profunda e legítima entre representantes e representados.

A entrevista confundiu mediação, papel do jornalismo, com mediatização de assuntos de interesse da empresa jornalística. Desqualificou, neste ato, os assuntos de interesse público. Mas seria através destes que as pessoas, no processo da formação de sua opinião, no espaço público, se exercitam para a vida social compartilhada.

Houve incompreensão do que seja o espaço do poder de jornalismo, ultrapassando a legitimidade que este tem de orientar as percepções sociais através do relato e da interpretação fidedigna dos acontecimentos, seguidas de opiniões fundamentadas. O poder implícito na entrevista do JN transparecia relações de poder com outros estamentos, lugar impróprio e ilegítimo na ótica dos propósitos jornalísticos.

Na verdade, a entrevista do Jornal Nacional deveria ter pautado suas questões pelo seu último ponto, quando fez ao candidato a seguinte pergunta: “Qual é o Brasil que o sr. quer para o futuro?”. Não haveria linha editorial mais adequada para um momento tão relevante para a vida política do país.

5. REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina - ARI, 1980.
- _____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina - ARI, 1980.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão** – seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Tchê Ltda, 1987.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V. 1. Florianópolis, SC: Insular, 2009.
- JORGE, Thaís de Mendonça (org.). **Notícia em fragmentos**: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.
- HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MARTINS NETO, João dos Passos. **Fundamentos da liberdade de expressão**. Florianópolis-SC: Insular, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MORIN, Edgar. Problemas de uma epistemologia complexa. In.: MORIN, E. et al (Orgs.). **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Europa-América, 2002.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Exercício de jornalismo**: 50 atividades didáticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**: um guia para estudantes de graduação. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

VAZ, Ana Lúcia. **Jornalismo na correnteza: senso comum e autonomia na prática jornalística.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.